

Orgulho por ajudar na consolidação do sonho de JK

Arquivo pessoal



AMANTINO VISITA OBRA ADMINISTRADA PELA COODEBRÁS, NA COMPANHIA DO ENTÃO MINISTRO DO PLANEJAMENTO, REIS VELOSO

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Enquanto o edifício sede do Banco do Brasil, no Setor Bancário Sul, era construído, Amantino da Silva Marreco trabalhava 10, 12 horas por dia ou mais no subsolo do prédio. Faltava apenas um mês para a inauguração da nova capital. O gramado da Esplanada dos Ministérios ainda não havia sido plantado. A obra da rodoviária também não estava concluída. O prédio do Banco do Brasil alcançava apenas o segundo andar.

Marreco era responsável por acompanhar as obras que o banco realizava em Brasília — além da sede, os prédios das superquadras 114 e 308 Sul e as quadras 43 a 47, onde hoje ficam as 700, na W3 Sul. “Fui obrigado a desembarcar no Planalto Central por acaso”, conta. “Entrei na sala do diretor geral do banco, no Rio de Janeiro, exatamente na hora em que ele precisava escalar alguém para substituir o funcionário que estava aqui”, completa.

Natural de Santa Tereza, no Espírito Santo, Marreco nunca imaginou que precisasse deixar sua residência no Rio para morar num canteiro de obras, mas a determinação era indiscutível. No dia se-

guinte, em 20 de março de 1960, seu endereço já era outro: os alojamentos que o Banco do Brasil mantinha na 303 Sul, chamados de *lâminas*.

Nas *lâminas*, os primeiros funcionários do Banco do Brasil a virem para Brasília conviviam com engenheiros e trabalhadores das obras num conjunto de barracos de madeira composto por dormitórios, um escritório e um refeitório.

Ritmo Brasília

Mesmo insatisfeito com a ideia de deixar a família e o Rio de Janeiro, Marreco diz não ter tido tempo de se arrepender da empreitada. “Todos que aqui chegavam rapidamente entravam no ritmo alucinante de trabalho, que a emergência da construção da capital originava”, conta. “No alojamento, às 6 horas éramos despertados por alguém que dizia: vamos acordar, Juscelino es-

tá chamando!”, completa.

No subsolo do banco em construção, até uma cozinha foi montada para que ninguém precisasse se retirar dali durante as horas de trabalho. A comunicação em Brasília ainda era muito precária. Os aparelhos de telefone na cidade eram raros. Algumas firmas se comunicavam por rádio, mas era pelos malotes, que chegavam ao aeroporto todos os dias que as

peças recebiam notícias de seus familiares ou pedidos e solicitações de trabalho.

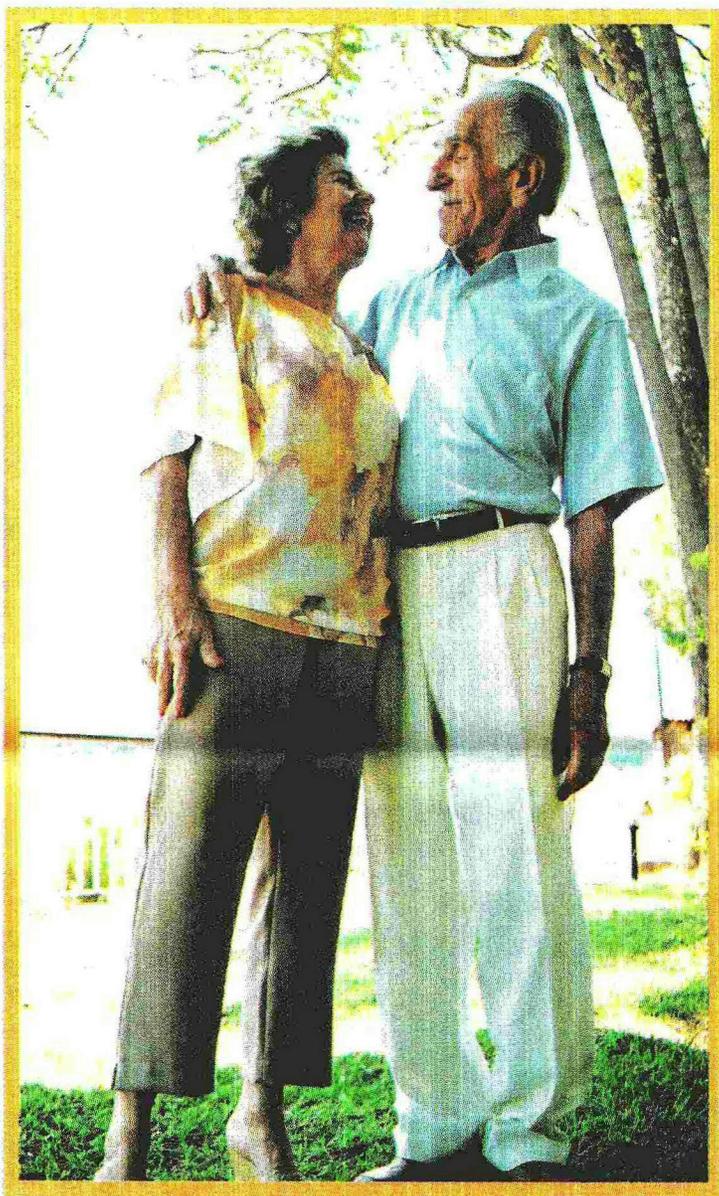
O presidente Juscelino Kubitschek costumava percorrer pessoalmente as obras da nova capital em horários pouco comuns, às vezes na madrugada. “Ele chegava sem avisar, em silêncio”, revela Marreco. “Olhava tudo e perguntava quando a obra seria inaugurada”, completa. A primeira visita de JK ao então futuro edifício sede do Banco do Brasil foi uma surpresa para todos.

“Um contínuo me disse: o presidente está aí”, recorda-se. “Pensei que fosse o presidente do banco e quando vi era o da República.” Marreco apresentou-se a JK como responsável pela Comissão de Construção das Obras do Banco do Brasil. “Na mesma hora fui cobrado para inaugurar o prédio no dia 21 de abril, dia da inauguração da capital”, conta. “Para nossa surpresa, no dia da festa, ele próprio passou rapidamente no prédio para conferir se o pedido havia sido atendido”, conclui.

Com o término da construção do banco, Marreco recebeu um convite para trabalhar no Ministério da Fazenda e, pouco tempo depois, na Universidade de Brasília, como diretor administrativo.

A reitoria estava instalada em um barraco de madeira. O minhocão ainda estava em obras e nada funcionava na universidade.

O funcionário público veio para Brasília, meio por acaso, para substituir o funcionário do Banco do Brasil que cuidava das obras da instituição na nova capital



As salas ficavam em unidades isoladas, espalhadas pelo Campus. “Era importante dizer que aqui havia Ensino Superior porque o movimento contrário à instalação da capital aqui era grande”, afirma. “Mas a inauguração da UnB foi um ato simbólico, porque na verdade a universidade ainda não existia”, explica.

Mesmo assim, a matrícula dos estudantes era aceita e as aulas ministradas pelos poucos professores que aceitaram o desafio de iniciar as atividades daquela unidade de ensino.

Em contrapartida, vivia-se um momento em que os estudantes tinham um grande poder de reivindicação. Todos os dias havia manifestação em protesto a alguma coisa que faltava na universidade. Podia ser comida no bandeirão ou professores nas salas de aula. As greves de estudantes e a depredação dos espaços durante a noite eram frequentes.

O trabalho na universidade durou quatro anos e proporcionou a Marreco algumas das melhores lembranças que ele guarda dos primeiros dez anos que viveu aqui.

Coodebrás

Depois da UnB, Marreco foi encarregado, em 1969, pelo ministro do Planejamento da época, Reis Veloso, de chefiar os trabalhos da Coodebrás — Coordenação do Desenvolvimento de Brasília. O cargo executivo ocupado por Marreco era criado em substituição a dois departamentos e 12 cargos de comissão.

Após a inauguração de Brasília e a saída de JK do governo fe-

deral, as obras na cidade caminhavam lentamente. As pessoas que vislumbravam futuro promissor na nova capital já haviam se instalado em Brasília, mas muitos cargos da administração federal aqui ainda não estavam preenchidos. Na política, falava-se do retorno da capital da República para o Rio de Janeiro. Tudo isto dificultava que outras pessoas despertassem o interesse em vir para cá. Era preciso finalizar a construção da cidade. A responsabilidade por isto ficou a cargo da Coodebrás.

A Coodebrás seria responsável

então pela conclusão das superquadras, nas asas Sul e Norte. Além de contratar as obras, adquirir o material necessário para as construções e fiscalizá-las, a Coodebrás ainda era encarregada de providenciar a transferência dos funcionários do serviço público federal para cá.

O Ministério do Planejamento definia quem ocuparia os apartamentos prontos, à medida que fossem entregues, conforme grau de escolaridade e número de dependentes na família.

Além das superquadras, a Coodebrás também construiu as

**AMANTINO E ELOAH
APROVEITAM A
VIDA NA CIDADE
ATÉ HOJE**

“**TODOS QUE AQUI
CHEGAVAM
RAPIDAMENTE
ENTRAVAM NO
RITMO
ALUCINANTE DE
TRABALHO QUE A
EMERGÊNCIA DA
CONSTRUÇÃO DA
CAPITAL
ORIGINAVA**”

Raio X

Nome:
Amantino da Silva
Marreco
Idade:
84 anos
Natural de:
Santa Tereza, Espírito
Santo
Profissão:
Funcionário público
aposentado
Esposa:
Eloah de Freitas
Marreco
Filhos:
Ângela, Sérgio, Marília,
Denise e Adriana
Netos:
Larissa, Bruno, Isabela,
Natália, Daniel, Fábio,
Victor, Daniela,
Mariana, Luíza,
Carolina, Rafaela, Pedro
Henrique, Renata,
Fernanda e Guilherme.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo **Edição** Rozane Oliveira **Reportagem** Bianca Chiavacatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader **Fotos** Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do **Correio Braziliense** **Revisão** João Neto **Diagramação** Glauco Gonçalves **Projeto Gráfico** Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL